

Comércio do DF eleva juros

DF - Comércio

DÉBORA AMORIM

CONCESSIONÁRIAS, POR EXEMPLO, JÁ POSSUEM NOVA TABELA DE PREÇOS, QUE SERÁ USADA NA SEGUNDA-FEIRA

O brasileiro pode preparar o bolso na hora de comprar a prazo. A partir de segunda-feira, alguns segmentos do comércio, como concessionárias de veículos, vão começar a praticar juros mais altos. A correção é reflexo do aumento de 0,5% da taxa de juros básica, a Selic, de 15,25% para 15,75% ao ano, autorizado esta semana pelo Copom (Comitê de Política Monetária) do Banco Central.

Há concessionárias que, ontem, já estavam com tabela de juros corrigida pelos bancos financiadores, mas preferiram segurar os preços antigos até segunda-feira. A Brasal Veículos, do Setor de Indústria e Abastecimento (SIA), está com taxa promocional de 1,79% ao mês (o normal é 1,85%), mas já tem na gaveta uma nova tabela com juros de 2,10% ao mês, para ser aplicada a partir de segunda-feira.

De acordo com a Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade (Anefac), as taxas de juros para empréstimos bancários ao consumidor

devem ter um aumento de até 0,90%. No comércio, a expectativa é que este aumento seja de 0,59%.

Os agentes financiadores costumam aplicar os novos valores rapidamente. "As financeiras projetam automaticamente as taxas corrigidas e nós temos que repassar para o consumidor", explica Mário Celso de Araújo, gerente de vendas da Brasal. Ele espera uma corrida de consumidores a sua loja neste final de semana, por causa das promoções. Entre e hoje e amanhã, acredita vender 60% mais que no mesmo período anterior.

"O momento é de indefinição e, por isto, acho que os consumidores vão correr para aproveitar as taxas antigas", diz. Ontem, ele já percebeu um movimento maior, ao contrário de quinta-feira, um dia depois do aumento da taxa. Em sua avaliação, depois do susto, as pessoas saíram à caça das promoções.

É o caso do casal Antônio Pereira de Araújo, 51 anos, e Valdeci Amâncio de Araújo, 47, ambos funcionários públicos. Desde o começo do ano, eles vêm olhando preço de carros, para trocar o velho Monza, ano 84, por um modelo mais novo. "A gente tinha a intenção de esperar mais um pouco, mas com esta alta dos juros, resolvemos fechar logo o negócio", explica Antônio.

O Gol, comprado ontem pelo casal, foi cem por cento financiado em quatro anos. A



O CASAL Antônio e Valdeci correu ontem a uma loja para trocar o carro antes da alta

prestação será de R\$ 665. "Não dá para juntar dinheiro, por isto nossa opção é a compra a prazo", ressalta Valdeci. Mas, no dia a dia, em compras menores, ela prefere pagar na hora.

A comerciante Maria Eva dos Santos, 41 anos, também prefere fugir das prestações. "Os juros abocanham muito o dinheiro da gente", observa. Mas, para comprar o carro novo, um Celta, ela não teve como ficar livre do financiamento. Por dois anos, vai

pagar prestações fixas de R\$ 370.

Na concessionária em que comprou o Celta, a CCB, há taxas de juros promocionais de 0,99%. Os vendedores dizem, porém, que em 15 dias as taxas devem estar mais salgadas.

Nas lojas de eletrodomésticos, as taxas estão sendo mantidas, pelo menos por enquanto. O comerciante Antônio Augusto de Moraes, diretor da Câmara dos Dirigentes Lojistas (CDL), faz uma

previsão otimista, de que o comércio só irá aplicar taxas de juros altas em 30 ou 60 dias.

Mas o consumidor tem visto, na prática, que o aumento de juros autorizado pelo governo tem um reflexo mais imediato. Quando os juros caem, porém, as taxas das compras a prazo costumam a baixar. "O governo só mexe nos juros para causar mais tumulto na vida da gente; sobe os preços de tudo, mas o nosso salário se mantém", reclama a professora Valdeci Araújo.

Cuidado com as prestações

Quem espera se ver livre de taxas altas de juros pode ter uma desagradável surpresa. Os economistas prevêem que o juro não tenha redução nas próximas semanas. "No atual panorama, pode ser até que suba ainda mais", estima Roberto Piscitelli, vice-presidente do Conselho Regional de Economia (Corecon/DF).

O momento, explica ele, é de agitação no mercado, por isto o consumidor deve pensar duas vezes antes de colocar a mão no bolso. Compras a prazo, neste momento, resalta o economista, não são aconselháveis. Cheque especial e cartão de crédito, então, só em caso de extrema necessidade. "São os que têm juros mais altos", alerta o economista.

Hoje, os cartões de crédito estão com taxas entre 10% e 12% e o cheque especial, entre 8% e 10%. Em geral, diz Piscitelli, o consumidor deve negociar no comércio descontos à vista e, se puder esperar para comprar.

O mais aconselhável é aplicar uma parcela de dinheiro mensal na poupança ou em fundos, de preferência de rendimento pós-fixado (ou seja, que aplica a taxa do dia do vencimento), e só então comprar.